



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CAMILA SANTOS SILVA

**POESIAS: IMAGEM E MEMÓRIA NO LIRISMO
AFRODESCENDENTE**

**DOURADOS-MS
2014**

CAMILA SANTOS SILVA

**POESIAS: IMAGEM E MEMÓRIA NO LIRISMO
AFRODESCENDENTE**

Trabalho de conclusão ao Curso de Letras
Habilitação Português/Inglês da Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Duarte
Mendes.

**DOURADOS-MS
2014**

CAMILA SANTOS SILVA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**POESIAS: IMAGEM E MEMÓRIA NO LIRISMO
AFRODESCENDENTE**

APROVADO EM: _____/_____/2014

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª Ana Cláudia Duarte Mendes UEMS/Dourados

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues UEMS/Campo Grande

Prof. Dr. Raymundo José da Silva UEMS/Dourados

Dedico este trabalho a todos os amantes não somente da Literatura Afro, mas da verdadeira essência do ser humano.

Agradecimentos

Começo meus agradecimentos a Deus, àquele quem me deu coragem, força, saúde e fez com que despertasse em mim o amor por umas das maravilhas do mundo, a Literatura.

E digo isto com toda certeza, pois através dela pude perceber o quão importante se faz o poder das palavras para expressar o mais puro do amor dos corações palpitantes, a alegria nostálgica da infância ou a dor, a tristeza, o incontentamento, o sistema opressor que cavalga em cavalo de batalha pronto para a guerra! De tantas mil formas, seja no amor ou no horror, a literatura pode nos beneficiar com seus encantamentos para nos confortar ou provocar, para usá-la, dar voz a nossos sentimentos. Então, aí vai meu agradecimento à Literatura!

Agradeço à minha orientadora, Dr^a Ana Cláudia por me apoiar nesses últimos anos em que trabalhamos juntas, por ter me incentivado, mostrado este caminho, um lado que não conhecia tanto assim, e pode ter a certeza de que a literatura afro estará sempre marcada em minha vida. Por ser essa pessoa compreensiva, que além de excelente orientadora, uma amiga, que com seu sorriso, deixava o meu dia mais alegre. Obrigada por ser Dumbledore para mim!

Agradeço também aos meus amigos, que de alguma forma, contribuíram na minha experiência de graduação, cada um com seu jeitinho, com muitos risos e alguns desentendimentos mas que marcaram esses anos.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio financeiro e por me suportar nos dias mais difíceis, dando apoio para que eu pudesse continuar nessa caminhada.

Por final, para completar os meus agradecimentos, não posso deixar de lembrar da pessoa mais importante que sempre esteve ao meu lado, até mesmo nas madrugadas como esta em que o vejo dormir enquanto escrevo o quão importante você, Gustavo, é em minha vida. Obrigada por me apoiar verdadeiramente, por me ouvir, ajudar e sempre me socorrer quando preciso. Te amo, vida.

Resumo

Este trabalho apresenta a análise dos seguintes poemas selecionados: *Lente de contato*, de Cristiane Sobral, *O homem procurado*, de Sérgio Ballouk, *Máscaras negras*, de Lourenço Cardoso, publicados nos *Cadernos Negros* (2006), nº 29. No capítulo 2, analisamos os poemas Jeitinho brasileiro, Identidade II, Gol contra e Alma e pele pertencentes à obra *Teclas de ébano* (1986), de Jamu Minka. Buscamos identificar as vozes que denunciam a condição de ser negro no Brasil. A linguagem direta, objetiva e de alta expressividade poética, marca essas produções que merecem ser destacadas para estudos mais minuciosos e se realizam enquanto obra de arte, além de iluminar os elementos presentes nos textos que os identificam como parte de uma literatura brasileira com uma especificidade: serem produzidas por autores afro-brasileiros. Consideramos a existência da literatura afro-brasileira a partir dos estudos desenvolvidos por autores como Luísa Lobo (2007), Eduardo de Assis Duarte (2011), Zilá Bernd (1988), que pesquisam as especificidades da produção de autores afro-brasileiros. Nosso objetivo é analisar como a poesia reflete a vida, no caso de afrodescendentes, situações que se repetem, os cenários podem até ser alterados, mas o preconceito se faz constante. Nossa pesquisa é bibliográfica, dialogando com autores e obras, na busca da identificação dessa literatura, a partir da questão do preconceito. Percebemos que, para vencermos essa doença social chamada racismo, de acordo com Fanon (2008), é necessário muito empenho por parte dos educadores, pesquisas como esta contribuem para dar visibilidade a uma produção literária que foi relegada.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem, memória, poesia afrodescendente, identidade, preconceito.

Abstract

This paper presents an analysis of the following selected poems: *Lente de contato*, Cristiane Sobral, *O homem procurado*, Sérgio Ballouk, *Máscaras negras*, Lourenço Cardoso, published in *Cadernos Negros* (2006), n° 29. In Chapter 2, we analyze the poems *Jeitinho brasileiro*, *Identidade II*, *Gol contra e Alma e pele* belonging to the work *Teclas de ébano* (1986), Jamu Minka. We seek to identify the voices that denounce the condition of being black in Brazil. The direct, objective and highly expressive poetic language, mark these productions that deserve to be highlighted for more detailed studies and are held as a work of art, in addition to illuminating the elements present in the texts that identify them as part of a Brazilian literature with a specificity: being produced by african-Brazilian authors. We consider the existence of african-Brazilian literature from studies conducted by authors such as Luisa Lobo (2007), Eduardo Duarte de Assis (2011), Zilá Bernd (1988), who research the specificities of production of african-Brazilian authors. Our goal is to analyze how poetry reflects life in the case of African descendants, situations that repeat themselves, scenarios can even be changed, but the prejudice becomes constant. Our research is bibliographical, talking with authors and works, on the search for identifying this literature, from the question of prejudice. We realized that to overcome this social disease called racism, according to Fanon (2008), it is necessary a lot of commitment on the part of educators, searches such as this contribute to give visibility to a literary output that has been relegated.

KEY-WORDS: Imaging, Memory, afrodescendant poetry, identity, prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I-A VOZ AFRO-BRASILEIRA NAS POESIAS PUBLICADAS EM CADERNOS NEGROS	13
CAPÍTULO II - POESIA “À COR DA PELE”.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

A poesia, como criação humana, mesmo quando busca se apresentar como objeto, ainda nos falará sobre o homem e sua história. Pois, “O poema é tempo arquetípico: e por sê-lo, é tempo que se encarna na experiência concreta de um povo, um grupo ou uma seita.” (Paz, 1972, p. 54) Dessa forma, estudar poesia nunca é uma tarefa dissociada da ideologia que a permeia, estamos sempre diante do homem e de suas ideias que se encarnam no tempo histórico.

Ao estudar a literatura afro-brasileira pensamos em discutir como as ideologias estão presentes no tecido poético e se realizam enquanto obra de arte, perceber que há uma vertente afro no poema, que o torna passível de ser reconhecido como parte de uma literatura brasileira com uma especificidade: ser produzida por autores afro-brasileiros. Uma vez que concordamos com Paz, quando este afirma:

O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. (PAZ, 1972, p. 55).

Os versos que selecionamos nos falam de exclusão social, marginalização, dores que ecoam em diversas partes do nosso país, que nos fazem lembrar o período do fim do regime escravocrata e suas consequências. Essa experiência de fim de regime, a professora Gizêlda Melo do Nascimento aborda em seu trabalho ao dizer sobre as condições de vida dos recém libertos:

Em debandada das lavouras e das senzalas, e atraídos pelos refletores da cidade que se transformava, que anunciava novos tempos e que poderia abrigá-los como mão-de-obra na construção do novo cenário urbano, os recém-libertos deparavam-se com a barreira da discriminação inscrita na cor da sua pele. Novos tempos, velhos tempos. (NASCIMENTO, 2006, p. 35)

A essas pessoas foram negadas as condições de instalação nas cidades que se formavam, a partir do projeto de urbanização, final do século XIX e início do século XX. A marginalização dessas pessoas foi descrita pela pesquisadora: “Nem escravos, nem cidadãos, um corpo sempre a meio caminho de.” (NASCIMENTO, 2007, p. 35) Essa definição, quase imagem evocada, representa a situação de uma população que viveu e ainda vive o processo de exclusão, nesse sentido, podemos pensar que foram rejeitados, nossa sociedade negava-lhes a cidadania. Sem serem cidadãos, como soltar a voz?

Na luta pela conquista da voz, destacamos o importante trabalho de um grupo de

militantes afro-brasileiros, o Quilombhoje¹, estes buscaram alternativas para publicação de suas obras, criaram uma editora própria, sem recursos financeiros externos, e fundaram um meio de divulgação que pudesse dar vazão à produção de brasileiros afrodescendentes:

O Quilombhoje de São Paulo começou a publicar os *Cadernos Negros* em anos alternados entre poesia (1978, nº 1) e prosa (1979, nº 2). O grupo autofinancia a sua publicação e aceita contribuições de autores afro-brasileiros de todo o país. Integram-no Cuti (Luis Silva), Mirian Alves, Esmeralda Ribeiro, Marcio Barbosa, Oubi Inaê Kibuko (A. T. dos Santos), Sonia (Sonia Fátima da Conceição) e Jamu Minka (José Carlos de Andrade). (LOBO, 2007, p. 245)

Cadernos Negros já completou trinta e seis anos, uma produção dedicada a dar voz àqueles que têm em comum o prefixo afro. Essa especificidade - serem textos produzidos por autores afro-brasileiros - é o que despertou nosso interesse. Em especial, por considerarmos que a poesia encarna o tempo, que é histórico (PAZ, 1972), o poema é a voz que desvenda a realidade. Nesse sentido, no primeiro capítulo, buscamos analisar alguns textos publicados em *Cadernos Negros*, 2006, volume 29, em busca de uma identificação (HALL, 2005) que nos permita afirmar a unidade dessa produção.

Para nos auxiliar nas considerações teóricas, acerca do que poderemos identificar como literatura afro-brasileira, começamos os estudos a partir dos textos desenvolvidos por alguns pesquisadores, dentre eles, Luísa Lobo, que em seu trabalho intitulado *Crítica sem Juízo*, de 2007, afirma a existência de uma produção que tem uma especificidade, ser afro:

Assim, poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO, 2007, p. 315)

A autora, para desenvolver a ideia de que os escritores afrodescendentes passam a assumir a voz, traça a trajetória destes em capítulo especial, intitulado *O negro de objeto a sujeito*. Neste texto, discute o percurso do negro, que se transforma em autor de sua história, de objeto a sujeito. Para a autora:

O principal aspecto que indica uma mudança significativa entre os estudos sobre o negro realizados no passado e os que apareceram nesta década de 1980 é o fato de que o negro deixa de ser objeto e passa a sujeito da literatura e da própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser autor, com uma visão de mundo própria. (LOBO, 2007, p. 315)

Ao apontar para o ano de 1980, a pesquisadora tem como meta definir o marco da mudança do ponto de vista dos estudos literários sobre o negro na literatura, não quer dizer com essa afirmação que antes desse período não houvesse produção de escritores afrodescendentes, apenas que estes eram ignorados, tinham produção regional sem destaque, como no caso de Maria Firmina dos Reis, com seu romance *Úrsula*, de 1859, publicado em São Luís do Maranhão.

Nesta perspectiva de estudos, sobre a mudança de ponto de vista acerca da produção afrodescendente, destacamos um dos trabalhos de Eduardo de Assis Duarte (2012), no qual este discute as condições para que possamos considerar uma literatura como afro-brasileira: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor. Estes elementos nos auxiliaram na análise que fizemos.

Outra pesquisadora que discute a existência de uma literatura diferenciada, negra, é Zilá Bernd no livro “Introdução à Literatura Negra” (1988), ela afirma a existência desta produção e insiste que sua especificidade encontra-se no fato de os autores se auto definirem como afrodescendentes. Esse percurso de leitura nos faz considerar as noções de pertencimento na produção destes brasileiros que publicaram em *Cadernos Negros*.

Nos procedimentos de análise, procuramos compreender as imagens presentes no tecido poético, que deixam as marcas do que venha a ser trajetória/ projeção, de um fazer que mantém seus laços culturais e de identificação e se realiza enquanto projeto poético distinto.

No segundo capítulo, nosso objetivo foi dar visibilidade à produção de um autor que escreve e permanece à margem do grande público, pesquisar os textos literários selecionados e analisar os contextos desta produção nos propiciaram não apenas conhecimento, mas partilhar da experiência desse sujeito que se recusa ao silenciamento.

No percurso de leituras de poetas afrodescendentes, uma das produções literárias que nos despertou o interesse em aprofundar os estudos, foi a poesia de Jamu Minka. A poeticidade de seu trabalho reflete seu engajamento na luta contra a discriminação racial, tão presente em nosso cotidiano.

A produção poética do escritor é comprometida com sua visão política, em seus poemas encontramos a denúncia da condição de ser negro no Brasil. Sua linguagem direta, econômica, contundente, composta em versos curtos, mas objetivos e de alta expressividade poética, marcam uma produção que merece ser destacada para estudos mais minuciosos.

Nesse sentido, selecionamos para analisar alguns poemas da obra do poeta intitulada *Teclas de ébano*, publicada em 1986, pela editora do Quilombhoje. Analisamos como a poesia pode refletir a vida, no caso de afrodescendentes, as situações que se repetem, os cenários

podem até se alterar, mas é o mesmo preconceito que esta produção poética registra. Esse “retrato” da discriminação pode ser observado no poema de Ele Semog, *O Glorioso*, nos curtos versos em que ele declama: “Pétalas e pedras/ nunca soube/ Quais/ mais me atingiram.” A mensagem é direta e persuasiva, ilustra a realidade vivida pelos afro-brasileiros.

CAPÍTULO I

A VOZ AFRO-BRASILEIRA NAS POESIAS PUBLICADAS EM CADERNOS NEGROS

Escrever como forma de resistência é uma das estratégias que os poetas afro-brasileiros utilizam para sobreviver a um mercado editorial que os ignora. É nesse sentido, que a nossa pesquisa caminha para dar visibilidade a produção de poetas afro-brasileiros, que publicaram em *Cadernos Negros*. Essas publicações representam a resistência editorial promovida pelo grupo *Quilombhoje*, que por longo período, mesmo com ausência de incentivos financeiros, atuou na concretização do projeto de dar voz aos afrodescendentes.

Neste capítulo buscamos analisar alguns textos publicados em *Cadernos Negros*, 2006, volume 29, considerando as discussões feitas sobre a identificação (HALL, 2005) dos sujeitos afrodescendentes, o que nos permitiria afirmar a unidade dessa produção.

Para nos auxiliar na conceituação do que estamos considerando identificação, essa voz que se auto define como negra, utilizamos os conceitos de Stuart Hall (2005), quando compreendemos a construção da identidade, de acordo com o pesquisador:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (2005, p. 13) [grifo do autor]

A identificação do sujeito ao longo de sua trajetória diz respeito aos grupos sociais com os quais entra em contato, formando sua cultura. Ainda de acordo com Hall (2008), “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (p. 43). Nesse ponto, consideramos a identidade como construção forjada a partir dos elementos culturais dados pela interação do sujeito com o mundo que o cerca.

Nesse sentido, os grupos sociais fazem parte de um complexo meio de interação, e a memória coletiva, suporte que sustenta as relações, é outro elemento importante para a compreensão das vozes afrodescendentes, pois a comunicação da dor se dá por meio da memória preservada nos grupos. Assim, apoiamo-nos em estudos sobre a memória, em especial de Halbwachs (2004), que trata acerca da função e funcionamento da memória coletiva nos grupos sociais, a fim de interpretar as vozes que ecoam nos poemas, pois, de acordo com o pesquisador:

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 2004, p. 55).

De acordo com o pesquisador, a memória é condicionada ao sentimento de pertencimento aos grupos sociais, a identificação com os grupos é que dá coesão e auxilia no ato de partilhar lembranças, que são comuns e se apoiam umas nas outras. “Mas o que nos chama a atenção, é que, na memória, as similitudes passam entretanto para o primeiro plano. O grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo.” (Idem, 2004, p. 92)

Ao pensar na questão afro-brasileira, há muitos elementos que compõem a memória coletiva, e não é nossa pretensão estudar todos os aspectos culturais que lhe dão coesão, destacaremos neste momento apenas a questão do preconceito, como elemento norteador do tecido poético.

O primeiro poema que escolhemos para análise, percorre este caminho da questão do preconceito, o poema chama-se *Lente de Contato*, também pertencente a *Cadernos Negros*, nº 29, a autora é:

Cristiane Sobral Corrêa Jesus nasceu na cidade de Coqueiros, zona oeste do Rio de Janeiro, em 1974. Iniciou sua atividade artística em um curso de teatro do SESC com o espetáculo *Cenas do cotidiano*, encenado em 1989. Em 1998, formou-se em Artes Cênicas, tornando-se a primeira atriz negra graduada em interpretação teatral pela Universidade de Brasília (UNB). (FERREIRA, 2011, p. 505).

De suas poesias, escolhemos o texto a seguir para contribuir nesta busca por identificar os elementos que são comuns a essa produção poética que como característica o fato de ser afro-brasileira.

LENTE DE CONTATO

Será que você pode olhar no fundo dos meus olhos?
Será que você pode acreditar na sua visão?
Esquece o que o seu pai disse,
Vê se muda essa situação.

Sou negra!
Estou aqui diante dos seus olhos,

Esperando você despir o seu preconceito,
Pra gente encontrar um jeito de ser feliz.

Ah, o meu cabelo natural, isento de culpa?
Vai bem, obrigada.

Que bom você ter sido espetado pela consciência,
Que bom você ter sido cutucado pela consistência.

Será que dá pra você tirar essa lente distorcida,
Que tanto atrapalha o nosso contato?

(C.N, 2006, V. 29, pg. 52)

O poema começa com um título inusitado, diferente, poetiza sobre *Lente de contato* que sugere, no primeiro momento, ambiguidades. Trata-se de um acessório muito utilizado atualmente, por pessoas com problemas de visão ou que apenas desejam mudar a cor dos olhos, a maioria prefere deixá-los azuis ou verdes, exibir uma característica que não possuem, isso nos leva a refletir sobre a imagem real que se vê diante do espelho ou a qual queremos ver.

O eu-lírico, nos primeiros dois versos, questiona essa imagem que é vista por uma outra pessoa, ao fazer uso do pronome de tratamento “você”, passa a ideia de proximidade, busca mostrar intimidade com essa pessoa ou com o próprio leitor. O questionamento no primeiro verso, não deixa claro se o problema é físico ou cultural. No segundo verso, o eu-lírico, ao indagar sobre a credibilidade da visão do outro “*Será que você pode acreditar na sua visão?*”, faz o questionamento sobre o modo de olhar, enxergar o ser humano que possui características diferenciadas.

No terceiro e quarto versos, ainda da primeira estrofe: “Esquece o que o seu pai disse/Vê se muda essa situação.”, observa-se a desconstrução da ambiguidade, pois o eu lírico afirma a necessidade de mudança da visão construída socialmente. A imagem em relação ao negro, que foi passada de geração em geração, desde a abolição da escravatura até a sociedade contemporânea, perpetua-se no tempo por meio da memória coletiva, que repete os discursos sobre a condição subalterna do negro na nossa sociedade.

Ainda na primeira estrofe, primeiro verso, quando o eu-lírico pede para olhar no fundo dos seus olhos, observa-se uma crítica, resgatando a ideia de que o negro sempre foi considerado um objeto sem valor, cuja vida era de servidão, andava de cabeça baixa para não olhar nos olhos do senhor de engenho, que oprimia apenas com o olhar, esse negro que agora, no poema de Sobral, é uma mulher decidida que questiona e deseja um olhar verdadeiro, justo e consciente.

A segunda estrofe começa com a afirmação: “*Sou negra!*”, passa a ideia de força, aceitabilidade, característica que transforma o eu-lírico, pois a partir do momento que o indivíduo aceita sua identidade, ganha forças e enfraquece o oponente, o que era frágil e sensível a críticas agora é um ser que resiste e luta pelos seus ideais. Ao analisar outra poesia de Sobral, Ferreira (2011) afirma:

A escrita se transforma em um instrumento cortante que avisa ao mundo que esta personagem-mulher é não só uma representante do ser feminino, mas do ser feminino negro que busca um espaço numa sociedade minada pelo preconceito. Cristiane Sobral se apossa das palavras para, poeticamente, transformá-las em uma bandeira de luta para a recuperação da autoestima da mulher negra. (p. 507)

Essa luta pela autoestima afrodescendente é evidenciada nos versos a seguir, nos quais o eu-lírico complementa: “*Estou aqui diante dos seus olhos/Esperando você despir o seu preconceito/Pra gente encontrar um jeito de ser feliz*”, observa-se que o sujeito que tem um olhar preconceituoso é o ser causador do problema e não o contrário, ele necessita despir-se, curar-se dessa doença (FANON, 2008), o preconceito, para ser feliz. Nesse sentido, percebemos a característica da literatura afro-brasileira, apontada por Bernd (1988), na qual o “eu-enunciador” se auto proclama negro.

Na terceira estrofe, quando se fala do cabelo natural isento de culpa, o eu-lírico evoca as discussões sobre as comparações dos padrões de beleza estabelecidos entre cabelos lisos e crespos (nomeados por cabelo ruim, pixaim entre outros nomes), Na cultura ocidental, o liso é bonito e o crespo deveria ser alisado para manter um padrão agradável aos olhos de quem vê, deixando assim, um negro “branqueado”. Podemos comparar essa estrofe com o poema do autor afro-brasileiro Cuti, intitulado *Ferro*, com os versos que dizem: “*Primeiro o ferro marca/ a violência nas costas/ Depois o ferro alisa/ a vergonha nos cabelos/ na verdade o que se precisa/ é jogar o ferro fora/ é quebrar todos os elos/ dessa corrente/ de desesperos.*” (FONSECA, 2011, p. 21)

Na quarta estrofe, o poema traz duas palavras de extrema importância em relação ao combate ao preconceito racial, “*consciência e consistência*”, ao dizer que o sujeito foi cutucado e espetado: “*Que bom você ter sido espetado pela consciência/Que bom você ter sido cutucado pela consistência*” é notável observar que são duas palavras que remetem os sentidos de desconforto, desagradável, isso traz a ideia de que a consciência e a consistência negra incomodam, mas persistem e espetam as pessoas com a verdade e o direito a ela.

O poema termina retomando a ideia da primeira estrofe, em relação a visão adquirida

pelo indivíduo, questionado no decorrer do texto “Será que dá pra você tirar essa lente distorcida/Que tanto atrapalha o nosso contato?”, entende-se então que a lente citada no poema de Cristiane Sobral não é apenas um acessório, uma película que, ao invés de ajudar a melhorar a visão, atrapalha e distorce a realidade, é também uma construção social, o olhar interfere no contato entre as pessoas, e nesta última estrofe deixa transparecer a seguinte ideia de lente de contato: lente = película que distorce a imagem e contato= comunicação, construção social.

O segundo poema que escolhemos trabalhar é de Sergio Ballouk, pseudônimo de Sergio da Silva, nascido em São Paulo, em fevereiro de 1967. Possui graduação em Publicidade e Propaganda pela Fundação Cásper Líbero e pós-graduação na área de Gestão Pública pela Universidade Mogi das Cruzes. “A produção de Ballouk presta tributo à oralidade herdada dos ancestrais, fato que influencia sua escrita em diversos momentos e que o leva às declamações públicas em saraus e eventos.” (LITERAFRO, 2013) O poema intitula-se *O homem procurado*, também publicado em Cadernos Negros:

O HOMEM PROCURADO

procura-se homem negro, forte, inteligente
talvez...
não muito negro
nem muito forte
e pouco inteligente
cabelo?...
não muito “ruim”
sem tranças ou black
sem ancestrais
de pouca consciência

procura-se homem
negro?
De nariz afilado
boca afilada
língua não afiada
que aprecie as não-negras
ria do racismo
finja pros amigos
finja pra si
agora sim!
Procura-se

(C.N, 2006, V. 29, pg. 226)

O título *O homem procurado* traz a ideia do que será tratado no poema, qual o tipo de homem, a descrição e a imagem que se espera encontrar. Repare a imagem construída no

primeiro verso: “*procura-se homem negro, forte, inteligente*” está explícito o que se deseja. A afirmação do negro será contrariada logo no segundo verso “*talvez...*”, colocando em dúvida o primeiro verso, de que este homem descrito não seja o que realmente procuram. Essa desconstrução da figura do negro concretiza-se nos versos seguintes: “não muito negro/nem muito forte/e pouco inteligente” aqui a representação é a de um negro “não muito negro” e nem muito forte, ou seja, as características do negro que se procura começam a mudar, a se transformar no decorrer do poema, pois já não querem um negro forte e que possua inteligência.

Nos versos seguintes, o eu lírico continua a descrição do que se procura, que os cabelos não sejam tão ruins, sem tranças ou black, percebe-se também a importância da origem desse suposto homem, que não tenha ancestrais e que tenha pouca consciência. Aqui há o apagamento cultural, com a perda da memória dos ancestrais, ou seja, a cultura afrodescendente sofre desvalorização.

Na segunda e última estrofe, diferente do primeiro verso da primeira estrofe, o eu lírico já não afirma a procura do homem negro, já não tem certeza diante das características apontadas anteriormente, agora há um questionamento, uma dúvida, (como se o sujeito olhasse para o espelho na busca das descrições exigidas, e sua imagem não coincide com as especificações e o deixa na dúvida, afinal este não é um negro que “finge” para si ou para os amigos pois o espelho não o engana e mostra seu verdadeiro reflexo) observe: “*procura-se homem negro?/De nariz afilado/boca afilada/língua não afiada/que aprecie as não-negras/ria do racismo/finja pros amigos/finja pra si*”/ agora sim!/Procura-se”.

No poema, há o termo “Procura-se”, nele é importante considerar que a partícula “se” dá a função de indeterminação do sujeito, consideremos então que esse sujeito indeterminado seja o reflexo da própria sociedade, que busca esse homem, negro? Além disso, a indeterminação refere-se à questão de identificação do sujeito em relação às características, neste caso, o poema termina com uma afirmação “Agora sim!” seguida de “Procura-se”, ou seja, o sujeito enxerga no espelho o que quer ver, isso significa o quanto a verdade é importante para cada um de nós, enfrentar uma problemática e ter consciência de sua resposta. Espelho = homem x sociedade, agora basta escolher a realidade diante do espelho: o próprio reflexo ou a imagem de algo construído socialmente.

Não, como diz nos próximos versos da quarta estrofe: “*de nariz afilado/boca afilada/língua não afiada/que aprecie as não-negras/ria do racismo/finja pros amigos/finja pra si*”, essas são características herdadas do homem europeu, branco, nariz e boca afilados e que gosta de mulheres brancas, além disso, pode-se entender que, esse homem que ri do

negro, que finge pros amigos e pra si próprio é uma crítica ao sujeito que não se aceita como descendente afro, renega sua identidade, gosta de fingir ser branco, tem traços de branco mas o sangue é de negro, mente para viver numa falsa realidade. Um homem construído.

O poema constrói-se a partir de ambiguidades, na primeira estrofe, a imagem marcada pela negritude, as características físicas e culturais de descendentes negros são negadas. Ao passo que na segunda estrofe percebemos a imagem do branco se formando, seus traços físicos e os valores culturais. Nessa perspectiva, percebemos que o que se procura é o próprio homem, que o racismo não deixa existir. O negro não se enquadra no papel de homem, de acordo com Fanon (2008) sua imagem é distorcida pelo preconceito, antes de ser humano, ele tem cor.

O próximo poema escolhido é de Lourenço Cardoso, escritor que nasceu na cidade de São Paulo, faz parte do movimento negro, formou-se em História na PUC/SP. Publicou os livros *O peso do mundo*, e as peças teatrais *Preto; Assassinaram o canalha* e *Perdoe o filha da puta*.

MÁSCARAS NEGRAS

o meu negro
é branco
pintado
de negro

porque
não aprendi
a desenhar
negro

negro

(C.N, 2006, V. 29, pg. 164)

O título *Máscaras Negras* tem uma característica pertencente a realidade de muitos negros: máscara. Esse título introduz do que falará o poema, sobre a identidade do negro, este que não pode nem ser desenhado, como diz o eu lírico, como caracterizar algo que não é reconhecido como tal? No poema, logo na primeira estrofe o eu lírico fala sobre a sua ideia de negro, que é pintado, caracterizado de branco.

Nesse sentido, podemos aproximar o poema do livro de Franz Fanon, até no título são parecidos, na obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008), o autor irá analisar exaustivamente a questão do negro no mundo branco, as consequências psíquicas do encontro de civilizações distintas, que gerou a doença social, de nome racismo, alimentada pelo projeto colonial. Sendo antilhano, seus estudos baseiam-se na realidade vivida em seu país:

Nas Antilhas, o jovem negro que, na escola, não para de repetir “nossos pais, os gauleses”, identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, isto é, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. [...] Quando, na escola, acontece-lhe ler histórias de selvagens nas obras dos brancos, ele logo pensa nos senegaleses. [...] Mas é que o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O preto vive na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco. Ora, ele é um preto. E só o perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que está se referindo tanto a ele quanto ao senegalês. (FANON, 2008, p. 132).

Fanon refere-se às imagens que os jovens fazem de si, como pertencentes à cultura francesa, herdeiros de uma tradição literária, e o desencanto dos mesmos ao chegar na Europa e perceber que são percebidos como Outro, pela cor da pele, que o sentimento de superioridade do branco, doença da sociedade colonial, alcança-os, mesmo com toda erudição que possam ter.

Retornando ao poema, encontramos essa mesma questão: o texto traz o conceito de que o negro “vestiu-se” de branco, adotando valores, costumes, cultura do homem branco. Faz alisamentos nos cabelos mascarando sua imagem para ser aceito, incluso na sociedade, que ainda assim não o deixa esquecer sua cor da pele.

Na 2ª estrofe, o eu lírico aponta: “porque/não aprendi/a desenhar/negro”, há aqui uma crítica em relação ao que a escola não ensinou sobre o negro, seu silêncio e a criação de uma caricatura, como se fosse de um ser encapuzado, que se esconde na sombra de uma outra cor predominante, a branca. Novamente podemos encontrar Fanon (2008), quando este descortina a lógica da colonização, ao ressaltar como os ambientes racistas e coloniais geram pessoas doentes, afirmando que o racismo é uma doença.

Nesse sentido, percebemos a importância de leis como a 11.645/2008, quando se obriga o ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas, bem como indígenas, buscando romper com a estrutura que ainda nos aprisiona no processo colonizador, possibilitando a existência de outros discursos sobre nossa formação cultural. Quem sabe dessa forma ainda possamos encontrar o homem, de acordo com Fanon (2008), totalmente livre.

Neste capítulo, nosso foco estava centrado nas questões de identificação e denúncia do preconceito em autores de Cadernos Negros, no próximo capítulo, continuaremos a falar sobre o preconceito, mas em uma obra de produção solo de um dos autores encontrados em Cadernos Negros.

CAPÍTULO II

POESIA “À COR DA PELE”

Neste capítulo, buscamos analisar a existência do discurso afrodescendente na poética de Carlos de Andrade, mais conhecido pelo pseudônimo Jamu Minka, estudar a poeticidade afro, identificar os sentimentos transmitidos através do poema, a busca pela verdade e a maneira como o autor tenta mostrar no lirismo a realidade existente.

O poeta é natural de Minas Gerais, jornalista formado pela ECA-USP, por ter uma ancestralidade africana, interessou-se pelas ideias e mobilizações que fortaleciam populações negras do mundo. Fez parte de projetos político-culturais que influenciavam a juventude afro-paulistana na década de 1970. Ele afirma:

As primeiras lições sobre o tema, aprendi na escola com os coleguinhas brancos: negrinho era a pedra palavra no meu caminho! Na adolescência, tive que encarar a prova dos nove da identidade racial: que sufoco ter a pele escura, cabelo crespixaim e a alma torta de branquice! Fiz das tripas coração para superar as vacilações de um mulatinho inferiorizado pelos critérios branquificantes. (MINKA, 2013).

Minka viveu a adolescência em São Paulo, uma metrópole com um grande fluxo de informações sobre todo o país, e acabou por desenvolver questionamentos e curiosidades que o levaram a iniciativas e militâncias culturais afro-comunitárias como: *Árvore das Palavras*, *Cacupro*, seção Afro-latino-América do jornal *Versus*, *Cecan-Centro de Cultura e Arte Negra*.

Em suas obras, o poeta demonstra a grande expressividade da literatura afro-brasileira, marcada pelo engajamento político, pelo combate às desigualdades sociais e pelo empenho na afirmação de uma identidade negra. Essa identidade foi construída, de acordo com Hall (2005), na luta cotidiana contra o preconceito e a afirmação do papel da cultura africana na formação da cultura brasileira.

De acordo com Minka, um dos pontos fundamentais para que se estabeleça uma consciência negra é a “exaltação dos valores africanos ou africanizados”, o que possibilita o resgate de uma herança cultural por parte da população afrodescendente, superando assim, as frustrações geradas pelo preconceito de cor. É importante observar que a reflexão sobre o “existir negro” é uma constante em seus poemas. É notável também observar, que em alguns de seus poemas, Jamu Minka enaltece a negritude através da referência aos heróis que defenderam as questões do povo negro, um exemplo disso, Zumbi e Bob Marley (LITERAFRO, 2013).

Minka escreveu nos jornais *Árvore das Palavras*, *Versus*, *Afro-LatinoAmérica* e

Jornegro. Militou no CECAN - Centro de Cultura e Arte Negra - e no Quilombhoje. Em 1978, participou do grupo que publicou o primeiro número da série dos Cadernos Negros. Publicou também obras não-fictícias como *Reflexões sobre a literatura afro* (1985), *Personagens negros, literatura branca* (1983), participou também das edições de cadernos negros 1,3, 5, 7, 9, 11, 15, 17, 19, 23, 25, 27, 29 e 31, além de publicar outras antologias como *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 2 (2011) e *Poesia negra brasileira: antologia* (1992).

Iniciamos nosso diálogo com a poesia de Jamu Minka, analisando um poema que se constrói pela memória, o qual encontramos ainda em *Cadernos Negros*, volume 29, e que nos despertou interesse pela obra do poeta. No trabalho com a poesia afrodescendente, identificamos as imagens poéticas que poderiam dar conta de expor os elementos que ligavam os poetas afrodescendentes entre si, sendo que uma das mais marcantes dizia respeito à memória coletiva (HALBWACHS, 2004). Segundo o pesquisador, a memória coletiva é preservada nos grupos sociais e pode ser evocada, garantindo o sentimento de coletividade, de identificação (HALL, 2005).

Ao analisar os poemas da obra *Teclas de ébano* de Jamu Minka, publicada pela editora Quilombhoje (que tem como objetivo divulgar a produção literária de brasileiros afrodescendentes) podemos observar, na escrita de Minka, a presença constante do preconceito racial na sociedade, independente do cenário escolhido, as situações se repetem e o preconceito racial é o mesmo na produção poética, pois estas poesias refletem a vida dos afrodescendentes.

Os poemas escolhidos, trazem as características que os tornam pertencentes a literatura afro-brasileira, e que foi o objetivo deste trabalho, destacar a questão do preconceito racial.

O texto poético em questão, é permeado por preconceito secular, herança da discriminação sofrida, passado que se torna presente e facilmente evocado, revivido, a cada novo acontecimento. O poema *Jeitinho Brasileiro*, de Jamu Minka, (2006, p. 137) foi publicado em *Cadernos Negros*:

JEITINHO BRASILEURO*

Para Ali Kamel

Viciado em privilégios arcaicos, absurdos, sacanas
o eurocentrismo made in Brazil semeou desastres
e se vê em xeque na barbárie que fecha
e inaugura séculos

desumanidade histórica
 desinformação cínica
 hipocrisia racial
 carências crônicas

Racistocratas com poder e pose pisam até aqui
 no século 21
 na mansão em festa
 a prepotência dos bisavôs é fetiche
 e notícia, um clone de senhor-de-engenho
 a seu dispor, foto a cores
 e curvas negras humilhadas
 a mais carnuda é apoio do pé
 do patrão.

**Inspirado em foto publicada em O GLOBO,
 Rio de Janeiro, 25/7/2006, 2ª Cad., p. 3.*

O eu lírico, no título já denota a denúncia que permeia seu texto poético, “*jeitinho brasileiro*”, ao criar o neologismo: “*brasileuro*”, desnuda a prática de privilégios contida na questão do brasileiro dar um “jeitinho” para resolver as coisas, no sentido do uso de influências sociais para resolver os problemas. Essa sugestão é aprofundada na leitura da primeira estrofe, no verso: “*Viciado em privilégios arcaicos, absurdos, sacanas*”, que desmascara aqueles que herdaram não apenas a riqueza mas, de acordo com o segundo verso: o “*eurocentrismo made in Brazil*”. Esse verso denuncia o sentimento de superioridade da elite brasileira, que perpetua o sistema de opressão herdado da época da escravidão, e a grafia com /z/ explicita a ironia relativa a essa busca de identificação com a Europa por parte desta.

A segunda estrofe do poema, amplia o sentido da denúncia, agora com a explicitação do racismo, e das condições em que este impera: “*desumanidade histórica/ desinformação cínica/ hipocrisia racial/ carências crônicas*”, todas doenças que contaminam a condição nacional, em versos curtos, contundentes.

Na terceira estrofe outro neologismo: “*racistocratas*”, para denunciar a origem do racismo, que ainda está presente em nosso cotidiano. O eu lírico evoca a época da escravatura e percorre a experiência da discriminação, desde a chegada dos africanos ao continente até o século 21, neste fragmento é explícita a relação com a memória coletiva, partilhada pelo grupo social a que pertence o poeta, de acordo com Halbwachs (2004). O texto poético é permeado por preconceito secular, herança da discriminação sofrida, passado que se torna presente e facilmente evocado, revivido, a cada novo acontecimento.

No poema a discriminação é expressa pelo eu lírico, ao reafirmar a humilhação, que atravessa o tempo. Partilham desse conhecimento sobre a discriminação os sujeitos que

herdam as narrativas sobre o fazer discriminatório dos “senhores de engenho”. Essa poesia serviu como eixo condutor da identificação com as imagens poéticas, que refletem o cotidiano de discriminação vivenciado pelos afrodescendentes, de acordo com os estudos sobre literatura afro-brasileira, estamos diante de um eu lírico que se quer negro, que não tem e nem quer negar sua identificação (HALL, 2005).

Nesse sentido, compreendemos que a produção poética do escritor é comprometida com sua visão política, em seus poemas encontramos a denúncia da condição de ser negro no Brasil. As imagens evocadas estruturam-se em uma linguagem direta, econômica, contundente, composta em versos curtos, mas objetivos e de alta expressividade poética, elementos estes que marcam sua produção.

Jamu Minka é um nome de grande expressividade na literatura afro-brasileira, cuja obra é marcada pelo engajamento político, pelo combate às desigualdades sociais e pelo empenho na afirmação de uma identidade negra. Essa identidade construída, de acordo com Hall (2005), na luta cotidiana contra o preconceito e a afirmação do papel da cultura africana na formação da cultura brasileira.

O poeta, ao reportar o preconceito de forma sarcástica, cria os neologismos: “brasileuro” e “racistocratas”, para denunciar a origem do racismo, que ainda está presente em nosso cotidiano. O eu lírico evoca a época da escravatura e percorre a experiência da discriminação desde a chegada dos africanos ao continente até o século 21, neste fragmento é explícita a relação com a memória coletiva, partilhada pelo grupo social a que pertence o poeta, de acordo com Halbwachs (2004).

No poema a discriminação é expressa pelo eu lírico, ao reafirmar a humilhação, que atravessa o tempo. Partilham desse conhecimento sobre a discriminação os sujeitos que herdam as narrativas sobre o fazer discriminatório dos “senhores de engenho”. Essa poesia serviu como eixo condutor da identificação com as imagens poéticas, que estão presentes nos poemas que analisamos, estes refletem o cotidiano de discriminação, vivenciado pelos afrodescendentes.

Nesse sentido, apresentamos o próximo poema a ser estudado, já presente em *Teclas de ébano* (MINKA, 1986, p. 10):

IDENTIDADE II

Mestiças sementes
planos entrelaçados de futuro
e eu o primeiro fruto

Vigilantes pupilas com sonhos de algodão
 sobrevoam-me com sacramentos de cal
 na burocrática trama, o selo do rigor oficial:
 branco!

A natureza vingá-se
 a cor escura fixa
 mas fica a cartilha-feitor
 nela a gente sempre passivo
 inferior

Adolescente angústia nas tempestades da solidão
 encharcam-me mil sonhos alisantes de branquidão
 anos, anos a fio
 como perdido navio marulhando rotas de alienação

Por fim, a praia da consciência
 território seguro de nossa própria história
 trilhas, orientação amiga
 identidade resgatada
 negro
 negrice
 negris... SOU!

O título *Identidade II* já expõe com perfeita nitidez a problemática que transcorre o poema, simples e com devido impacto, apenas uma palavra denuncia e, ao mesmo tempo, fomenta o resgate às raízes não de um povo apenas, mas de uma história. Logo na primeira estrofe - “*Mestiças sementes/planos entrelaçados de futuro/ e eu o primeiro fruto*” - o eu lírico apresenta um começo, trata-se de um nascimento tipicamente brasileiro, filho de “sementes mestiças” que deu origem a um fruto, a uma criança.

Em contraste a realidade contemporânea, o eu lírico evoca um outro tempo, época de escravidão, ao dizer na segunda estrofe, primeiro verso: - “*Vigilantes pupilas com sonhos de algodão*” - há aqui um duplo sentido temporal, que está presente no decorrer do poema, a ambiguidade entre duas épocas distintas com sentimentos em comum, dentre eles o sofrimento, perceptível com mais intensidade na terceira estrofe com a aliteração do “s”.

Seguindo essa ideia, o poema sempre remete ao passado, cria imagens ao adjetivar os termos mais comuns, assim, temos as “*vigilantes pupilas*” pertencentes ao senhor de engenho que, cheio de ambição, está sempre de olho em sua plantação de algodão, e a cada criança que nasce, uma mão de obra a mais a enriquecer seu patrimônio. Como também, aos pais da criança com “*sonhos de algodão*”, sonhos com ideais do branco, ou melhor, “sonhos embranquecidos” que veem na criança o herdeiro de seus próprios sonhos. De acordo com Fanon (2008, p. 26) “[...] o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco.”

Em sequência, no segundo verso: - *“sobrevoam-me com sacramentos de cal”* - o eu-lírico refere-se à religião dos ancestrais que é substituída através do processo de branqueamento ao assumir as crenças do branco (sacramento de cal) ou como podemos chamar “batismo de branco”.

Nos terceiro e quarto versos: - *“na burocrática trama, o selo do rigor oficial/branco!”* - percebe-se uma determinação burocrática, “selo do rigor oficial”, (a palavra rigor traz a ideia de obrigação, de ordem de SER BRANCO, como consta no documento), ou seja, mesmo sem saber ao certo, a cor do sujeito já está preestabelecida na própria certidão de nascimento: *“branco!”* O desejo dos pais pelo embranquecimento faz com que o registro seja feito antes da definição da cor da pele. A identidade afro, de acordo com Hall, é duplamente negada, do ponto de vista religioso com os "sacramentos de cal" e a determinação branca da cor de pele.

Na terceira estrofe, as características desse indivíduo gritam mais alto ao permanecer negro, vejamos: *“A natureza vingam-se/ a cor escura fixa/mas fica a cartilha-feitor/nela a gente sempre passivo/inferior”*. É notável observar que mesmo com a imposição de valores, comportamentos a serem seguidos/obedecidos, o que predominou não foi a cor definida no selo e sim, a cor que a natureza escolheu, a cor escura fixou-se. Embora isso aconteça, há ainda a intervenção da “cartilha-feitor”, esse termo criado pelo poeta, que aparece no terceiro verso da terceira estrofe, transmite o conceito de que tudo o que o eu lírico deveria ser é imposto por um feitor (a cultura racista), que assombra e vigia os escravos, um fazedor de pessoas passivas e inferiores, um reflexo da própria sociedade ao qual esse indivíduo está inserido, num lugar opressor, que determina como deve ser.

Na quarta estrofe, o eu lírico refere-se a uma fase mais conturbadora, repleta de medos, angústias, dúvidas; a adolescência no poema não poderia ser diferente, tão tempestuosa quanto a viagem que o navio negreiro fez, passagem difícil no passado e no presente, observemos: *“Adolescente angústia nas tempestades da solidão/encharcam-me mil sonhos alisantes de branquidão/anos, anos a fio/como perdido navio marulhando rotas de alienação”*.

No primeiro verso, da quarta estrofe, o eu-lírico transmite a ideia de sofrimento, afinal trata-se de uma fase angustiante e que se faz mais complexa e delicada quando se desconhece suas origens, a verdadeira identidade afro, não assumida, perdida no processo de branqueamento. De acordo com Fanon:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. (FANON, 2008, p. 104).

Aqui o sujeito encontra-se em crise existencial, que continua no segundo verso: “*sonhos alisantes de branquidão*”, estes tomam conta do eu-lírico na esperança de se “igualar” aos demais, como forma de iludir a si mesmo. Eis o ponto de partida das frustrações e a busca exaustiva pela perfeição (branca, lisa e loira) imposta pela sociedade a qual determina o padrão de beleza, no qual todos devem se integrar.

É evidente, que esses sonhos embranquecidos estendem-se por “anos, anos a fio” e, assim, permanecem por um determinado tempo deixando o eu-lírico alienado, perdido como um navio marulhando em rotas desconhecidas, como se o mar com suas águas frias e agitadas adentrassem o ser em conflito causando solidão, não apenas, externa, mas também, interna. Podemos perceber aqui, o diálogo com Fanon, ao dizer que o afrodescendente perde sua identidade no processo de assumir a do branco além de sofrer o preconceito e racismo o que o aliena do mundo.

A quinta e última estrofe - “*Por fim, a praia da consciência/território seguro de nossa própria história/trilhas, orientação amiga/identidade resgatada/negro/negrice/negris... SOU!*” - apresenta um outro estágio da vida, quando, finalmente, o mar agitado se transformou na mais plena calma, a viagem tempestuosa terminou e o ser, até então alienado chegou a “praia da consciência”, pois se encontrou na própria história, podendo assim resgatar a sua identidade. Segundo Hall (2005, p.12): “A identidade, então costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”.

No primeiro verso da última estrofe, ao falar de praia da consciência o eu-lírico refere-se a consciência negra que nos faz sempre lembrar da luta pela liberdade cultural, religiosa e de informação, podemos concordar com Halbwachs (2004) em relação a memória coletiva, quando no terceiro verso diz: “*trilhas, orientação amiga*”, ou seja, a trilha da história foi percorrida, e as lembranças, memórias fazem parte dela. De acordo com o autor:

[...] se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas sua substância, é que nossa memória não é uma tábua rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado. Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças [...]. (HALBWACHS, 2004, p. 32).

Portanto, pode-se dizer que com todo o processo de reconhecimento da própria

história é possível ao eu-lírico se orientar. E mesmo que faça parte de um passado, as lembranças são como que sementes no interior do ser humano, enraizadas, prontas para remeter ao passado, basta descobri-las para alcançar respostas e, conseqüentemente, ter a identidade resgatada.

No poema *Identidade*, verificamos conceitos fundamentais para entender e compreender a temática afro, a memória coletiva e a identidade, presentes no tecido poético, trazem uma voz que denuncia as condições de um eu lírico que nasce, cresce com ideais, conceitos e cultura do branco, isso gera um duelo existencial impulsionando o indivíduo a busca pela sua identidade e ao encontrá-la se reconhece e assume como tal. Ainda, faz um resgate ao passado, traçando lado a lado momentos de sofrimento para comparar as fases do sujeito expondo o preconceito racial que atravessou o tempo, desde a época da colheita do algodão até a atualidade.

O próximo poema que selecionamos destaca o futebol, paixão nacional do brasileiro, com sua refinada ironia, insere o afrodescendente neste contexto de discriminação. Em *Gol Contra*, é possível destacar a forte crítica à sociedade consumista, que prega o futebol como religião e a ganância para ser reconhecido, enganando a própria visão para se chegar no auge. Podemos notar que o cenário onde o preconceito se estabelece permanece visivelmente no lado pobre e humilde da sociedade e que o dinheiro acaba se tornando o passaporte para outra realidade: a do branco.

GOL CONTRA (II)

Foi talento precoce
e o país campeão mundial
enquanto a cabeça era só futebol
monopolizava nossos sonhos de arquibancada
dedicação mútua à hóstia-bola
ao cálice-gol

Além do gramado
o chapéu foi na gente
ávido do lado de lá
e a vida daqui
driblar barreiras
enfrentar a catimba racista que finge não ser

Na rua
antes da fama
impossível fuga
a maldição é de (g)raça
mas individualista sempre de \$bota
("acho que nem tenho mais cor")

ilusionista da dor
 anuncia jeitinho brasileiro
 hipocridiz
 negro aqui é feliz.

Diferente de qualquer expectativa, o título, nessa poesia, é irônico ao dizer “gol contra”, pois nos traz a ideia de traição e não apenas de uma infelicidade acometida a um grande jogador como o eu lírico aborda no poema, trata-se de uma traição à própria “raça”.

Na primeira estrofe, o eu lírico nos apresenta um sujeito que pertence a uma realidade alienada, na qual o futebol é o centro das atenções, como pode ser observado nos versos: “*Foi talento precoce/e o país campeão mundial/enquanto a cabeça era só futebol*”. No quarto verso - “*monopolizava nossos sonhos de arquibancada*” - o autor faz uso figurativo da palavra monopolizar, que possui dois sentidos: o de vender o sonho de ser um jogador bem sucedido, e no sentido de concentrar as atenções do povo no futebol.

Nos versos seguintes - “*dedicação mútua à hóstia-bola/ao cálice-gol*” - é descrito o cenário em que esse sujeito cresceu, um país que trata o futebol como uma religião. É visível no texto, a comparação de duas coisas distintas consideradas importantes nesta nação, e no ato de criar termos que remetem à religião e ao futebol (hóstia-bola, cálice-gol) entende-se que o futebol é tão essencial quanto o ritual de comunhão para os cristãos.

Na segunda estrofe, os dois primeiros versos - “*Além do gramado/o chapéu foi na gente*” - falam que o sujeito não só esquivou-se dos adversários em campo, como também, deu o “chapéu” (driblou) nas pessoas que o eu lírico trata por “a gente”, ou seja, a própria população negra. É nesse verso, que começamos a identificar o sentido do título “gol contra”, quando o povo se sente deixado pra trás, driblado pelo sujeito (jogador) que passa para o outro lado, como sempre almejou, visto no terceiro verso - “*ávido do lado de lá*”.

Os versos seguintes - “*e a vida daqui/driblar barreiras/enfrentar a catimba racista que finge não ser*” - o eu lírico expõe duas vidas diferentes, de um lado, o negro jogador de futebol, com regalias, rico, famoso e que, conseqüentemente, não sofre preconceito algum; do outro lado, a vida do negro não jogador que precisa driblar barreiras, enfrentar as dificuldades do racismo em uma sociedade que finge não o ver, como um árbitro que faz vista grossa às atitudes antiesportivas (catimba) dos jogadores em campo.

Na terceira e última estrofe, o eu lírico termina o poema contando que antes da fama desse jogador, sua realidade era a mesma do negro “comum”, ou seja, enfrentar a discriminação gratuita existente nas ruas, uma situação da qual é praticamente impossível fugir, como diz nos quatro primeiros versos - “*Na rua/antes da fama/impossível fuga/a*

maldição é de (g)raça”- percebe-se o uso de dois fonemas “g” e “r” que mudam totalmente a palavra, essa substituição traz à tona o sentimento desse indivíduo: “maldição” de ser negro.

Em sequência, nos quinto e sexto versos - “*mas individualista sempre de\$bota/ (“acho que nem tenho mais cor”)*” - há um contraste ao fazer uso da conjunção adversativa “mas” pois, dessa forma, torna-se possível ao jogador de futebol que enriqueceu, escapar da “maldição”. Devido a sua individualidade e ao seu egoísmo, consegue perder a cor, como diz no próprio texto “de\$bota”, nota-se ainda a substituição do “s” pelo cifrão, transmitindo o sentido da existência da possibilidade de fuga, e isso está no fato de que ter dinheiro é a escapatória para uma outra realidade, mesmo que tenha que ser um gol contra a própria “gente”.

No entanto, o indivíduo anseia pelo sonho (ser aceito nesse meio) em que a brancura alienada será a sua máscara branca e o próprio sujeito a vestirá de tal forma que não se reconhecerá como negro. De acordo com Fanon: “...o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco.” (FANON, 2008, p. 60).

No verso a seguir - “*ilusionista da dor*” - nos é revelado que, apesar de conseguir alcançar suas ambições, o jogador precisa esconder sua dor como um ilusionista esconde seus segredos do público. E ainda, no oitavo verso complementa - “*anuncia jeitinho brasileiro*” - aquele que dá jeito em tudo, o jeitinho prático e rápido de resolver os problemas (talvez esperto mas, vergonhoso), o jogador segue em frente, “tapa o sol com a peneira”, assim, não só o jogador, mas todos que estão a sua volta, costumam agir fingidamente.

Ainda destacamos o uso de um neologismo - “*hipocridiz*” - (dizer dissimuladamente) – esse fenômeno enriquece ainda mais o poema, causando ambiguidade de sentidos, o jogador se torna hipócrita duas vezes, primeiro porque ao dizer “negro aqui é feliz” não há como ele saber pelo fato de não ter vida de negro, pois ele vive do “lado branco” e é tratado como tal. Ele vive como Fanon denuncia com “Pele Negra Máscaras Brancas”. Segundo porque, quando diz ser feliz, assume o discurso do branco que provoca a ilusão da não aceitação do negro por este ser rico, “ilusionista” por levar uma vida mascarada, esconde-se no seu interior para negar a sua própria identidade, talvez pelo medo da aceitação dessa sociedade preconceituosa ou até mesmo pelo medo de encarar a verdade no espelho.

Nesse sentido, de discutir a relação do negro com a cultura branca, selecionamos o próximo poema:

ALMA E PELE

Vi o amigo poeta se lamentar com todas as teclas:
 pena que literatura não enche barriga!
 Mas a certeza minha é que lava a alma
 nossas almas branquisujas na ganância imposta

Sei do visgo da consciência vesga
 e não me iludo
 nem sempre negro é beleza pura
 o egoísmo também se veste de pele escura

Se assim não fosse seria simples
 justiça não exigiria compartilhar
 suor
 amor
 e dor
 seria apenas uma questão de cor.

O eu lírico anuncia no título *Alma e Pele* o problema que percorre o poema, todo ser humano, independentemente da cor, pode possuir na alma sentimentos que a sujem. Esses sentimentos não podem ser distinguidos de acordo com a cor, faixa etária, sexo ou religião, não há como saber como é a alma de um indivíduo por meio de sua pele.

Nos dois primeiros versos - “*Vi o amigo poeta se lamentar com todas as teclas/pena que literatura não enche barriga!*” - o eu lírico expõe uma realidade vivenciada por muitos escritores: é lamentável admitir o quanto é difícil viver apenas dos livros, a sociedade no geral tem fome de consumismo. Chama-nos a atenção o uso da palavra “teclas” em substituição do que seria mais comum da palavra “letras”, a troca por outra palavra, gera mais impacto no poema, as “teclas”, trazem uma imagem do quão moderno é essa temática.

Na mesma estrofe, o eu lírico afirma no terceiro verso - “*Mas a certeza minha é que lava a alma*” - é perceptível nesse trecho um certo grau de desabafo, pois mesmo que não “enche barriga”, a literatura traz outros benefícios imateriais, mas, imprescindíveis para alimentar a alma e também é um meio de expor os sentimentos e denunciar a realidade. No verso seguinte - “*nossas almas branquisujas na ganância imposta*” - observa-se a presença do neologismo “branquisujas”, junção das palavras branco + sujo, transmitindo a ideia de que, a cultura branca suja a alma com a sua ganância, tem-se então, brancos e negros com a alma corrompida pela ganância, ambição, egoísmo, materialismo. Para Fanon: “O negro quer ser branco. O branco incita-se assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27). Além disso, há ainda a ausência de valores, consequência esta que corresponde à falha imposta de consumo.

Na segunda estrofe, o primeiro verso - “*Sei do visgo da consciência vesga*” - traz um

jogo de palavras “visgo/vesga” para expressar a ideia de algo, no caso a consciência, errado. Para esclarecer melhor, observe a presença do fenômeno da aliteração do “s”, esse som nos remete à palavra “saber”, enquanto que o jogo de palavras já citado corresponde ao sentido figurativo “atração/torta”. Uma vez que o eu lírico, soube ver e não se enganou com essa visão distorcida de consciência, tanto que afirma no verso a seguir: *“e não me iludo”*. Ainda na segunda estrofe, os versos - *“nem sempre negro é beleza pura/o egoísmo também se veste de pele escura”* - certificam a opinião do eu lírico em separar alma e pele, já que o egoísmo é uma característica humana imposta pela sociedade/cultura que esse indivíduo está inserido.

A última estrofe dá continuidade ao raciocínio desenvolvido anteriormente, e ao dizer: - *“Se assim não fosse seria simples/justiça não exigiria compartilhar/suor/amor/e dor/seria apenas uma questão de cor”* - o eu lírico atesta que os seres humanos são muito mais complexos e profundos em todas as suas formas de se relacionarem (suor, amor e dor) do que uma simples avaliação preconceituosa da aparência.

Neste poema, podemos analisar que há uma distinção entre a aparência física e a alma, é inaceitável julgar o ser humano através da cor. Ainda, no tecido poético, o eu lírico trata do consumismo do branco como forma de sujar a alma, e que o eu lírico não se deixa enganar pela aparência e afirma saber distinguir a alma da pele, pois diz que negro também tem ganância, é egoísta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos estudar a existência de outros discursos sobre nossa formação cultural, o discurso dos afrodescendentes. Nesse sentido, destacamos a luta que está sendo travada pela conquista da voz, destacamos o trabalho de um grupo de militantes afro-brasileiros, o *Quilombhoje*, que lutou e luta ainda pela conquista de um meio de divulgação que pudesse dar vazão a produção literária de brasileiros afrodescendentes. A publicação do grupo, a série intitulada de *Cadernos Negros*, já completa três décadas e meia, é uma experiência que precisa ser valorizada, uma conquista histórica no meio editorial.

Ao analisar os poemas escolhidos, podemos observar características que os tornam pertencentes a literatura afro-brasileira, em especial, destacamos a questão do preconceito racial.

No primeiro capítulo, Cristiane Sobral, em sua poesia trata da questão da exaltação dos valores negros, a afirmação positiva de uma identidade feminina que se quer negra. Essa voz denuncia o olhar preconceituoso da sociedade, faz o leitor pensar sobre seu próprio sentimento de preconceito.

Já em Sérgio Ballouk, no poema, ao se estabelecer os padrões de beleza baseados na imagem do branco, em detrimento das características físicas do negro, o que se destaca é a denúncia do processo de branqueamento da população. Assim definida, o negro não se enquadra nas normas, então no poema *O homem procurado* não será possível encontrar um negro, pois este não atende às exigências deixando-o à margem da sociedade.

Na poesia de Lourenço Cardoso o que se destaca é a questão do preconceito racial que nega a imagem do negro, sua presença é ausência, tanto que o discurso poético denuncia o branqueamento cultural do negro, sua representação social é feita pela máscara do branco.

No segundo capítulo, nos poemas selecionados de Jamu Minka, destacamos a presença da memória coletiva e da identidade presentes no tecido poético, trazem uma voz que denuncia as condições de um eu lírico que se auto enuncia como negro, e escancara o preconceito racial que atravessou o tempo, desde a escravidão até a contemporaneidade, influenciando a imagem que se tem dessa população, perpetuando a miséria e a exclusão.

Nos poemas de Téclas de Ébano, estudamos o preconceito de cor que expõe a falsa ideia de democracia racial em nosso país, e nos convence que apenas a existência da Lei 11.645/2008 (a mais recente) não é suficiente. Para vencermos essa doença social chamada racismo, de acordo com Fanon (2008), é necessário muito empenho por parte dos educadores, desenvolvimento de mais pesquisas como esta da qual fazemos parte, pois estas ações

contribuem para dar visibilidade a uma produção literária que foi relegada, e dar voz àqueles que, por muito tempo, foram calados pela sociedade.

Pode-se concluir que, o preconceito de cor existente na realidade vivenciada pelo negro, independente do espaço físico, se faz constante. Adentrar nesse tema, ao fazer pesquisas como esta, podemos contribuir para que a produção literária afro-brasileira tenha mais visibilidade, e assim, compartilhar uma literatura que dá voz àqueles que foram rejeitados pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CADERNOS NEGROS, poesia afro-brasileira, vol. 29. São Paulo: Quilombhoje, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. (org.) *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 4 v.

_____, Eduardo de Assis. “Literatura e afro-descendência.” www.lettras.ufmg.br/literafro, acesso em 30/04/2012.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Vera L. S. Sales. Cristiane Sobral. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (org.) *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Vol 3.

FONSECA, Maria N. Soares. Cuti. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (org.) *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Vol 3.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. BENOIR, Laís Teles. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guaracira Lopes. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. 2008. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Sovik, L. (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 2ª reimpressão revista, 2008.

LITERAFRO, Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>> Acesso em: 14 de abril de 2013.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MINKA, Jamu. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>> Acesso em: 14 de abril de 2013.

_____. *Teclas de ébano. Poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1986.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: EDUEL, 2006.

PAZ, Octavio. *O arco e lira*. Tradução de Olga Savany. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.